

TRAJETÓRIAS DE MENINAS NA FUNASE: SUAS EMOÇÕES, A MEDIDA DE INTERNAÇÃO, A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL

GIRLS' TRAJECTORIES AT FUNASE: THEIR EMOTIONS, THE MEASURE OF INTERNMENT, SOCIOEMOTIONAL EDUCATION

TRAYECTORIAS DE LAS NIÑAS EN LA FUNASE: SUS EMOCIONES, LA MEDIDA DE INTERNAMIENTO, LA EDUCACIÓN SOCIOEMOCIONAL

Érica Gonçalves Nunes¹
Hugo Monteiro Ferreira²
Bruno Cézar de Farias Melo³

RESUMO

Este trabalho visa preencher a lacuna referente ao estudo das emoções de meninas em cumprimento de medida socioeducativa de internação na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE), de atuação no estado de Pernambuco. Tem-se como objetivo compreender as emoções das meninas na trajetória da medida socioeducativa de internação, considerando a educação socioemocional. Como metodologia realizamos uma pesquisa qualitativa, adotando o paradigma da transdisciplinaridade e utilizando a observação participante, questionário biossociodemográfico, exibição do filme *Divertida Mente*, roda de conversa, diário das emoções e entrevistas com dez participantes. Os dados foram analisados aplicando-se a análise de conteúdo de Minayo. Os resultados mostraram que as meninas em situação de cumprimento de medida socioeducativa de internação reconhecem e expressam suas emoções em sua trajetória de vida e durante a trajetória institucional. Como contribuição, percebemos que as meninas em situação de cumprimento de medida de internação na FUNASE estão preparadas para conhecer a educação socioemocional e desenvolverem o cuidado/autocuidado, a autoconsciência, boa convivência, dialogicidade e amorosidade.

Palavras-chave: Educação Socioemocional; FUNASE; Medida Socioeducativa.

ABSTRACT

¹ Graduação em Psicologia pela Faculdade Estácio do Recife (2011). Graduação em Direito - Faculdades Integradas Barros Melo (2001). Especialização em Intervenções em Psicologia Social e Comunitária pela Faculdade Frassinette do Recife, FAFIRE (2017). Mestre no Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades, na UFRPE. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4047-4187>. E-mail: nunes_e@yahoo.com.br

² Graduação em Letras. Mestrado em Letras. Doutorado em Educação. Professor Adjunto do Departamento de Educação da UFRPE. Coordenador do Núcleo do Cuidado Humano da UFRPE. Líder do GETIJ - Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade, da Infância e da Juventude. Pesquisador na área de saúde emocional e mental de crianças, adolescentes e jovens. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9846855940173584>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4583-831X>. E-mail: hmonteiroferreira@yahoo.com.br

³ Graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Pós-graduado em Psicologia clínica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante. Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Integrante do Núcleo do Cuidado Humano da UFRPE e membro do GETIJ – Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade, da Infância e da Juventude. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5401362088391662>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3849-1883>. E-mail: brunocmelo.psi@gmail.com

This study aims to fill the gap regarding the study of the emotions of girls undergoing socio-educational internment measures at FUNASE. Its objective is to understand the emotions of the girls during their trajectory within the socio-educational internment measure, considering socio-emotional education. As a methodology, we conducted qualitative research, adopting the paradigm of transdisciplinarity and using participant observation, biosociodemographic questionnaires, the movie "Inside Out," discussion circles, emotion diaries, and interviews with ten participants. The data were analyzed using Minayo's content analysis. The results showed that the girls undergoing socio-educational internment measures recognize and express their emotions throughout their life trajectory and during their institutional journey. As a contribution, we found that the girls in internment measures at FUNASE are prepared to understand socio-emotional education and develop self-care, self-awareness, good coexistence, dialogical communication, and affection.

Keywords: socio-emotional education; socio-educational measure; FUNASE.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo llenar el vacío en el estudio de las emociones de las niñas que cumplen medidas socioeducativas de internamiento en la FUNASE. Su objetivo es comprender las emociones de las niñas a lo largo de su trayectoria en la medida socioeducativa de internamiento, considerando la educación socioemocional. Como metodología, realizamos una investigación cualitativa, adoptando el paradigma de la transdisciplinariedad y utilizando observación participante, cuestionarios biosociodemográficos, la película "Intensa-Mente", círculos de conversación, diarios de emociones y entrevistas con diez participantes. Los datos fueron analizados aplicando el análisis de contenido de Minayo. Los resultados mostraron que las niñas en situación de cumplimiento de medida socioeducativa de internamiento reconocen y expresan sus emociones a lo largo de su trayectoria de vida y durante su trayectoria institucional. Como contribución, percibimos que las niñas en situación de medida de internamiento en la FUNASE están preparadas para conocer la educación socioemocional y desarrollar el cuidado/autocuidado, la autoconciencia, la buena convivencia, la dialogicidad y la afectividad.

Palabras clave: educación socioemocional; medida socioeducativa; FUNASE.

INTRODUÇÃO

Adolescente de 13 anos mata seu genitor e é apreendida. Essa cena ocorreu, em alguma data e local do nosso país, e, quando noticiada, o senso comum reagiu: "não vai dar em nada, é menor". Neste caso, estamos diante de um ato infracional e, para todo ato infracional, há a responsabilização do adolescente que infringiu a lei. Trata-se, portanto, da aplicação das medidas socioeducativas.

Nesse sentido, surge a noção de socioeducação, positivada no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), representando um marco tanto para os jovens em situação de conflito com a lei quanto para as medidas socioeducativas (Bisinoto *et al.*, 2015).

Na socioeducação, os adolescentes do gênero masculino são os que mais praticam atos infracionais. E as meninas? O número de meninas autoras de atos

infracionais, no país, corresponde a aproximadamente 5% em relação ao total de meninos (Silva, 2020; Conselho Nacional de Justiça [CNJ], 2024). Após a realização de um “estado da arte”, observou-se que as pesquisas desenvolvidas desde meados dos anos 2010 apontam a invisibilidade dessas meninas, a importância de estudos com recorte de gênero e a necessidade de políticas públicas específicas voltadas a adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei (Machado; Veronese, 2010; Araújo, 2000; Ramos, 2007).

Diante desse cenário, questiona-se: como as meninas significam suas emoções no cumprimento da medida socioeducativa de internação na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE)? A partir desse questionamento, esta pesquisa tem como propósito compreender as emoções das meninas durante a trajetória de cumprimento da medida socioeducativa de internação (MSE) na FUNASE, considerando a educação socioemocional. Para isso, propõe-se: analisar a relevância das emoções na trajetória de vida das meninas na FUNASE; identificar as principais emoções vivenciadas por elas nesse contexto; e propor estratégias que evidenciem a importância da educação socioemocional no processo de lidar com as próprias emoções.

De antemão, importa saber que a Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE) é uma autarquia vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança, Juventude e Prevenção à Violência e às Drogas do Estado de Pernambuco, responsável pela execução das medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes em conflito com a lei. A instituição atua por meio de unidades de internação, internação provisória e semiliberdade, além de desenvolver ações voltadas à proteção, à educação e à reinserção social desses jovens, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Sua atuação se fundamenta no princípio da socioeducação, buscando garantir direitos, promover cidadania e oferecer oportunidades de transformação social.

Diante das questões supracitadas e do problema aqui já exposto, esta pesquisa se apresenta como uma proposta de investigação que visa preencher a lacuna referente ao estudo da invisibilidade de gênero (Arruda; Krahn, 2022; Caldeira, 2020; Moreira, 2020), especificamente no que se refere às meninas institucionalizadas no sistema socioeducativo de Pernambuco — uma invisibilidade já apontada em pesquisas anteriores.

O trabalho que realizei com essas adolescentes na Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE) foi, em grande parte, o que me conduziu até aqui. Compreendi que “as meninas” demandavam intensamente o olhar e o cuidado do

profissional de Psicologia e, ao mesmo tempo, era desafiador escutá-las, considerando as trajetórias de vida marcadas por experiências duras e, muitas vezes, precocemente amadurecidas.

Pesquisas e legislações do socioeducativo para o público feminino

Apesar de pesquisas realizadas há mais de uma década, percebe-se pouco avanço na prática e na construção de políticas públicas específicas para esse público, bem como na legislação referente às meninas em cumprimento de medida socioeducativa. A Lei nº 8.069/1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em nenhum momento ao longo de seu texto faz referência direta ao gênero feminino (Brasil, 1990). Já a Lei nº 12.594/2012, que estabelece o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase) e regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescentes que pratiquem ato infracional, menciona a palavra “gênero” apenas uma única vez, no art. 35, inciso VIII (Brasil, 2012).

Contrapondo-se a esse histórico de omissões, a Resolução do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) nº 233, de 2022, estabelece diretrizes e parâmetros de atendimento socioeducativo às adolescentes privadas de liberdade no âmbito do Sinase, com orientações específicas e atenção especial às questões de gênero — evidenciando, desde já, o significativo lapso temporal até que tal reconhecimento ocorresse (Brasil, 2022).

A inserção do recorte de gênero no sistema socioeducativo é ainda um tema pouco explorado, considerando que a previsão legal específica voltada às meninas em conflito com a lei, com base nesse recorte, só foi publicada em janeiro de 2023 (Brasil, 2022). Como observado por Morgan (2016), o atendimento socioeducativo às meninas ainda é pouco problematizado nas diversas áreas que compõem a socioeducação.

Ao receber a medida socioeducativa de internação, a adolescente será privada de sua liberdade por um período que pode variar de seis meses a três anos. Para o ECA, a duração da internação deve ser definida ao longo de seu cumprimento, o que faz com que esse tempo se apresente de forma indefinida, prevalecendo a discricionariedade do(a) juiz(a), conforme estabelece o art. 121, § 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Assim, a medida socioeducativa de internação, conforme foi positivada, tem como intuito proporcionar à adolescente a possibilidade de refletir sobre o ato cometido,

sobre sua vida e sobre a construção de um novo futuro. Por outro lado, essa medida pode provocar momentos de intensa angústia, especialmente pela indeterminação quanto ao tempo que será necessário para o cumprimento da internação (Nicácio; Albuquerque, 2014). Com a privação da liberdade, vêm também o afastamento da família, dos amigos e da comunidade, além da convivência diária com outras meninas em conflito com a lei, a presença constante das grades, a rotina institucional e as complexidades do adolescer nesse contexto.

Nesse cenário, a adolescente chega à Fundação de Atendimento Socioeducativo (FUNASE), localizada no estado de Pernambuco, sendo encaminhada, mais especificamente, ao Centro de Atendimento Socioeducativo (Case) Santa Luzia, situado na cidade do Recife, no bairro da Iputinga — local onde ela fixará residência durante o cumprimento da medida.

Entretanto, percebe-se que não se pode mais repetir de forma acrítica o discurso da invisibilidade. Como argumenta Arruda (2024), está claro, já há algum tempo, que não se trata propriamente de uma invisibilidade. Apesar dos dados estatísticos indicarem o baixo número de meninas em cumprimento de medida, essas adolescentes nunca foram verdadeiramente invisíveis para as instituições de controle social.

Por isso, a autora defende que há um modo peculiar de punir. Esse modo se expressa através do controle social, voltado a sujeitos que se enquadram em parcelas específicas da população, historicamente selecionadas para se submeter à coação do Estado. O poder punitivo e o sistema penal, assim, são frequentemente direcionados a pessoas consideradas marginalizadas, especialmente aquelas de pele negra (Martins; Gauer, 2019).

São tantas emoções...

As emoções são uma ideia moderna, uma construção cultural. O contexto, o idioma e outros fatores socioculturais desempenham um papel relevante na forma como o ser humano comprehende e vivencia as emoções. No caso das meninas vítimas de encarceramento, marcadas pela violência do mundo — e, por vezes, capazes de reproduzi-la —, suas emoções demandam cuidados específicos. Embora moldadas pelo contexto e pela cognição, as emoções também têm bases biológicas, sendo todas derivadas de seis emoções básicas. A emoção está relacionada a um pensamento e, por vezes, comunica algo ao outro (Hofmann, 2024).

Considerando a influência da cultura, do temperamento e do grau de autoconhecimento emocional de cada pessoa, a autorregulação emocional pode se mostrar fundamental, sendo inclusive favorecida pelo desenvolvimento da inteligência emocional. Ser capaz de nomear e descrever as emoções experienciadas traz benefícios importantes à saúde mental. Goleman (2011) explica que reconhecer um sentimento no momento em que ele ocorre é a pedra de toque da inteligência emocional. A partir dessa tomada de consciência, torna-se mais fácil lidar com as próprias emoções, e, em seguida, reconhecer as emoções nos outros. Assim, ao tomar consciência das emoções, torna-se possível aproximar-se do autocontrole emocional.

Tentar compreender o ordenamento jurídico — especialmente no que tange às medidas socioeducativas — sob a ótica das emoções, é, de certa forma, entender que as ações e os movimentos do corpo precisam corresponder às expectativas normativas, ainda que os sentimentos internos possam ser divergentes. É nas emoções e nos sentimentos esperançosos de retratação do sujeito com o convívio social que se fundamentam as crenças na possibilidade de recuperação do indivíduo (Sousa, 2022).

Ao experienciar as emoções e dar um destino protetivo para elas, as meninas privadas de liberdade podem modificar o olhar e a compreensão que têm sobre aquele estado emocional, alcançando um novo nível de consciência e significado. Desse modo, algo inicialmente vivenciado como negativo pode ser transformado, promovendo uma sensação de menor desprazer e possibilitando uma aproximação de um estado de maior bem-estar.

A educação socioemocional como uma possibilidade

Considerando que a adolescência é uma fase marcada por intensa adesão aos valores e às regras do grupo de amigos, torna-se relevante investigar as possibilidades de mudança de comportamento a partir da implantação de propostas voltadas à educação emocional, com o objetivo de desenvolver a capacidade de regulação emocional das adolescentes (Possebon, 2019).

Nesse contexto, a **educação socioemocional** é um conceito de aprendizagem desenvolvido por pesquisadores da área da Psicologia, que visa trabalhar e fortalecer a inteligência emocional, promovendo o autoconhecimento, a criatividade, a perseverança, a comunicação, a colaboração e a capacidade de lidar com conflitos. Aprender habilidades socioemocionais é tão importante quanto o desenvolvimento de habilidades cognitivas (Gaspar *et al.*, 2018).

Ferreira (2022) propõe que a educação socioemocional seja estruturada com base em cinco pilares fundamentais: (i) cuidado/autocuidado; (ii) autoconhecimento; (iii) convivência; (iv) dialogicidade; e (v) amorosidade. Essa base é de grande relevância tanto no âmbito individual quanto coletivo, sendo essencial aprender a lidar com as emoções — identificando-as, nomeando-as e expressando-as de forma saudável.

Dessa forma, a promoção de habilidades socioemocionais na adolescência tem demonstrado resultados positivos, como a diminuição de comportamentos agressivos e conflitos em sala de aula, além do aumento da socialização e da melhoria nos índices de saúde mental (Oliveira; Muszkat, 2021).

METODOLOGIA

Considerando que esta pesquisa está fundamentada no paradigma da transdisciplinaridade e busca, ao longo da escrita, a construção de um conhecimento transdisciplinar — capaz de transcender as fronteiras disciplinares, sem desconsiderá-las — abandonamos a lógica dualista e buscamos transcender o nível de realidade primordial, de modo que o conhecimento possa emergir em outro nível, dialogando com contradições e ambivalências. Dentro desse paradigma, aproximamo-nos da ludicidade como estratégia para aprofundar a construção dos dados. A ludicidade é acessada como expressão de uma fenomenologia complexa e transdisciplinar, unindo as diversas dimensões humanas — corpo, mente e espírito —, vivenciada a partir da sensação de plenitude e bem-estar que a caracteriza (Moraes, 2018).

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, abordagem que permite a compreensão de fenômenos sociais em todas as suas dimensões (Sampieri; Collado; Lúcio, 2013), o que a torna adequada ao propósito central deste estudo: compreender as emoções das meninas no contexto do cumprimento da medida socioeducativa de internação na FUNASE. A abordagem qualitativa possibilita a apreensão de fenômenos complexos, valorizando a subjetividade e a interação entre pesquisador e participantes (Flick, 2009).

Para a consecução do objetivo central da pesquisa, recorreu-se à observação participante, com base na proposta de Marietto e Sanches (2013). Essa técnica consiste na inserção do pesquisador no grupo estudado, tornando-se parte integrante dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos e compartilhando o cotidiano, de modo a vivenciar e compreender mais profundamente aquela realidade.

Em relação ao fator tempo na observação participante, destaco que estive, de certa forma, imersa nesse ambiente de pesquisa desde o ano de 2019, quando atuei como psicóloga no Centro de Atendimento Socioeducativo — Case Santa Luzia, lócus desta pesquisa. Esse centro acolhe meninas residentes em Recife e na Região Metropolitana que estão em cumprimento de medida socioeducativa de internação no estado de Pernambuco. O método da observação participante se aproxima do paradigma da transdisciplinaridade ao permitir uma compreensão holística da realidade estudada, favorecendo uma escuta mais sensível das experiências vividas e faladas pelas participantes, o que pode reverberar positivamente na construção dos dados e na captação de sentimentos subjetivos de forma mais genuína (Mónico, 2017).

Ao todo, participaram da pesquisa dez adolescentes, com idades entre 14 e 17 anos, todas em cumprimento de medida socioeducativa de internação no Case Santa Luzia, unidade que integra a FUNASE. Entre essas participantes, uma adolescente estava gestante, e outra, durante o cumprimento da medida, exercia cuidados maternos com sua filha.

Para analisar as emoções das meninas durante a internação, utilizamos cinco técnicas de coleta de dados: (i) questionário biossociodemográfico; (ii) diário das emoções; (iii) exibição do filme *Divertida Mente*; (iv) roda de conversa; e (v) entrevistas semiestruturadas.

Quanto aos cuidados éticos, a pesquisa seguiu os princípios definidos pela Comissão de Ética em Pesquisa da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), que estabelece diretrizes éticas para pesquisas com seres humanos na área da educação. Além disso, a autorização para ingresso no campo de pesquisa foi concedida pela Vara Regional da Infância e da Juventude da 1ª Circunscrição Judiciária do Recife. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com a anuência de seus responsáveis legais. Os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos pelas próprias adolescentes.

Para a análise dos dados, utilizamos a análise de conteúdo, conforme proposta por Minayo (2001). Trata-se de uma técnica refinada que exige dedicação, sensibilidade e tempo por parte do pesquisador, que precisa se valer da intuição, imaginação e criatividade, especialmente na definição das categorias de análise (Mozzato; Grzybowski, 2011). A análise de conteúdo, nesse caso, possibilitou a interpretação de informações relacionadas ao comportamento humano, tanto para verificação de

hipóteses quanto para a descoberta de sentidos implícitos nos conteúdos manifestos, a partir de um processo sistemático e interpretativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, faz-se necessário apresentar um recorte do questionário biossociodemográfico relacionado à saúde mental das participantes. Os dados indicam que apenas 10% das participantes não faziam uso de substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas. As substâncias mais utilizadas foram maconha (70%) e álcool (70%). Dessa forma, os dados corroboram pesquisas anteriores sobre o uso abusivo de substâncias psicoativas na adolescência.

Em relação ao uso de medicação psicotrópica pelas participantes, 60% não faziam uso, enquanto 40% utilizavam esses medicamentos com prescrição médica e acompanhamento em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Observou-se ainda que todas as meninas que tomavam medicação psicotrópica sabiam o nome da substância, os horários para administração e, em alguns casos, o conhecimento da dosagem em miligramas de cada comprimido.

Quanto ao comportamento de autolesão em algum momento da trajetória de vida das participantes, 60% relataram ter praticado autolesão, associada também à ideação suicida, enquanto 40% não apresentaram esses comportamentos.

Com o objetivo de compreender as emoções das meninas durante o cumprimento da medida socioeducativa de internação na FUNASE, apresenta-se a seguir os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo. O material está estruturado em duas partes principais: a) as emoções vivenciadas pelas meninas durante a trajetória na FUNASE; e b) a educação socioemocional no enfrentamento dessas emoções.

As emoções vivenciadas pelas meninas durante a trajetória na FUNASE

Algumas vezes, foram emoções mobilizadas por vivências de violências na própria instituição, e, nesses momentos, as emoções das meninas privadas de liberdade passaram a chamar minha atenção. Continuando a análise dos dados, ao longo da exibição do filme *Divertida Mente*, algumas meninas comentaram o que sentiram ao ver determinadas cenas. O personagem que representava a tristeza foi o que mais recebeu críticas negativas. Como relata Vicky: “Essa tristeza é uma desgraça, sempre acaba com tudo!” Lis demonstrava torcer bastante pela felicidade, dizendo: “a felicidade vai vencer!” Em outro momento, duas meninas discordaram a respeito da tristeza, e nesse

instante senti medo de que os ânimos se exaltassem. Balbinot (2022) chama atenção para a situação do convívio no cumprimento da medida socioeducativa de internação, destacando a existência de um clima interpessoal hostil, capaz de promover sofrimento psicológico e agravar a situação de vulnerabilidade.

Durante a roda de conversa, ao serem questionadas sobre o que acharam do filme, as meninas disseram ter compreendido um pouco mais sobre o que são as emoções e apontaram que esse tipo de atividade deveria acontecer com maior frequência. Após esse momento, as meninas se expressaram por meio do desenho, retratando emoções como tristeza, alegria e raiva. Como aponta Oliveira e Muszkat (2021), o cuidado e o respeito à pessoa são critérios éticos fundamentais para garantir uma relação de alteridade na pesquisa. Também podemos inferir que a participação em atividades lúdicas é algo que as adolescentes consideram interessante, conforme relata Moraes (2014):

Conforme a intensidade e o grau de percepção da experiência lúdica vivida, tal experiência leva ao encontro consigo mesmo e com o outro, ao desenvolvimento da fantasia e do imaginário, a viver momentos de ressignificação e percepção mais intensa e apurada, de autoconhecimento e reconhecimento do outro, de cuidar de si e poder olhar para o outro e reconhecê-lo.

Dando continuidade às atividades lúdicas, o diário das emoções foi preenchido individualmente pelas participantes. Todas as meninas realizaram a atividade durante os sete dias, colando adesivos com emojis em seus respectivos diários, o que pode indicar a formação de um vínculo significativo entre as adolescentes e a pesquisadora. Moraes (2022) aprofunda essa reflexão ao afirmar que a subjetividade se caracteriza como a forma pela qual o sujeito estabelece o vínculo ser humano/mundo dentro de si, não mais como espectador, mas como ator desse mundo.

De modo geral, o lúdico — representado pela exibição do filme *Divertida Mente* e pelo diário das emoções — configurou-se como uma estratégia de aproximação das meninas com suas emoções, evidenciando a importância da construção do vínculo como aspecto fundamental na pesquisa com adolescentes.

Analizando mais especificamente os conteúdos das entrevistas, identificamos quatro categorias principais. A primeira refere-se à **emoção predominante no momento da chegada à FUNASE**. As participantes relembraram como estavam emocionalmente ao ingressar na instituição e refletiram sobre sua saúde mental naquele



contexto. As respostas foram diversas, possibilitando a subcategorização entre emoções agradáveis e desagradáveis — sendo estas últimas predominantes.

Rayla (Entrevista, 2024) relata: “Fiquei com quase todas as emoções. Tem hora que eu chorava, que eu não aguentava ficar ali olhando pra um lado e pra outro e só ver parede e grade”. Ainda que em menor número, também foram mencionados sentimentos agradáveis nesse momento inicial, como “alívio, estou livre” e “estava feliz”, conforme narrado por algumas adolescentes.

A segunda categoria diz respeito à **emoção mais sentida na chegada ao Case, após a sentença de internação**. Muitas das adolescentes permaneceram até 45 dias na internação provisória, aguardando a audiência que definiria a medida socioeducativa a ser cumprida. Trata-se de um período marcado por grande expectativa. Após a sentença, elas deixavam o Cenip (local da internação provisória), percorriam cerca de 50 metros e chegavam ao Case Santa Luzia.

A emoção mais frequentemente relatada nesse momento foi a tristeza. Lis (Entrevista, 2024) compartilha: “Tristeza, vontade de desistir, deixar tudo pra trás... Eu estava grávida”. Já Annita (Entrevista, 2024) relata: “Senti medo, raiva, tristeza, mas, depois, eu vi que não é um bicho de sete cabeças. Na primeira queda aqui, eu não sabia de nada, agora eu aprendi. Se mexer comigo, eu atolo. Atolar, bater”.

A terceira categoria refere-se à **emoção mais vivenciada durante o período de internação**. A emoção predominante entre os participantes foi a raiva. Natali (Entrevista, 2024) expressa: “Tenho muita raiva porque eu tô aqui dentro, né?”. A raiva é uma emoção geralmente considerada desagradável e, segundo Hoffman (2024), está frequentemente associada a comportamentos ligados à agressão. Para Gross (2015), trata-se de uma emoção inútil, na medida em que pode levar a pessoa a prejudicar a si mesma ou a alguém próximo.

A quarta categoria diz respeito à forma **como a FUNASE cuida das emoções das meninas**. Em relação aos cuidados oferecidos, os participantes relataram que há certa atenção à saúde mental, com inserções em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e atendimentos psicoterapêuticos. No entanto, não houve menção direta às servidoras que exercem a função de psicólogas dentro da instituição, o que me levou a refletir sobre minha própria prática profissional na FUNASE.

Moranguinho (Entrevista, 2024) compartilhou: “Acho legal, querendo ou não, a FUNASE ajuda. Eu faço psicólogo toda terça e quinta no CAPS e no Hospital da

Mulher. Eu acho que me sinto bem lá, mas não é pelo fato de conversar. É pelo fato de sair daqui para espairecer, ver o sol”.

Por outro lado, Annita traz uma percepção distinta (Entrevista, 2024): “Aqui acontece raiva, ansiedade, injustiça... tudo isso ao mesmo tempo, ela [a FUNASE] faz. E o que você faz quando sente isso? Eu desacato, esculhambo, faço muitas coisas que não é pra fazer, mas é na emoção”.

Percebe-se que as meninas enfatizam a importância da escuta ao relatarem que profissionais que não integram a equipe técnica — como a professora de artesanato e a coordenadora técnica — as escutam quando solicitadas. Kemile (Entrevista, 2024) afirma: “A FUNASE não faz nada. Porque quando eu tô assim, angustiada, chateada, a única pessoa que chega junto de mim e que eu posso ter uma confiança de conversar é a coordenadora técnica daqui. Eu confio muito nela, a única pessoa que pode me ajudar aqui só é ela, porque o resto não tá nem aí”.

Esse discurso evidencia que as adolescentes reconhecem o valor de uma escuta, ainda que não especializada. As referências que fazem dizem respeito, principalmente, aos encaminhamentos realizados pela FUNASE para serviços de psiquiatria e psicoterapia fora da instituição. No entanto, a escuta mencionada pelas meninas, mesmo sem o embasamento teórico, aproxima-se do conceito apresentado por Ferreira (2022), que a define como uma escuta interessada e acolhedora. Para compreender a humanidade em seu “momento” — palavra central no pensamento do autor —, é necessário reunir diversos elementos, sendo a escuta um dos mais fundamentais. Sem ela, não seremos capazes de verdadeiramente ouvir o outro.

Escutar é uma estratégia essencial para acolher e auxiliar as meninas em situação de privação de liberdade. Escutar é se permitir ser afetado pelo que o outro diz — ainda que não se concorde, ainda que o que é dito pareça incoerente. Escutar, nesse contexto, é aproximar-se, criar vínculo.

É entendido que o fortalecimento dos vínculos constitui um fator de proteção a ser estimulado durante o cumprimento da medida socioeducativa de internação. A instituição que aplica essa medida, por vezes, se torna a principal ou única fonte de apoio social mais próxima e estruturada na vida do adolescente em conflito com a lei, podendo favorecer uma vinculação mais positiva entre o jovem e sua família.

Os vínculos afetivos formam a base do apoio social, transmitindo uma sensação de segurança ao adolescente e fortalecendo-o para enfrentar situações adversas. Foi possível perceber tanto a importância da comunidade socioeducativa como um todo,

quanto a carência de sua implicação efetiva no atendimento às adolescentes em privação de liberdade. Contudo, os resultados também demonstraram que, quando existe uma escuta implicada e acolhedora — mesmo por parte de membros que não integram a equipe técnica —, essa atitude é percebida pelas meninas como fonte de bem-estar, conforto e sensação de cuidado.

Essa forma de escuta aproxima-se do que nos apresenta Rubem Alves (2012), ao falar de uma escuta sensível, aberta, que pode ser oferecida por qualquer membro da comunidade. Em linhas gerais, as adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação afirmam que escutá-las não depende, necessariamente, de um saber especializado, protocolar ou disciplinador, mas sim de uma escuta que se entrelaça com as relações, os vínculos e as emoções — tanto das meninas quanto de toda a comunidade socioeducativa. Trata-se de um movimento circular, incessante, e que produz efeitos positivos para a saúde mental e o bem-estar das adolescentes.

Educação socioemocional no lidar com as emoções

Ferreira (2022) nos ensina que as emoções não devem ser negligenciadas. Negligenciar tem o sentido de não cuidar das emoções, acreditando que não são relevantes e que “atrapalham” a vida. O autor alerta que é fundamental aprendermos a reconhecer nossas emoções e trazer esse assunto para fazer parte das nossas vidas. As meninas em cumprimento de medida socioeducativa de internação na FUNASE não conhecem Ferreira, mas compreendem seu ensinamento, como nos relata Kemile (Entrevista, 2024):

“Eu não pensei bem antes de agir e eu acho que tem como a gente controlar essas emoções. Às vezes eu penso assim... se eu tivesse pensado mais um pouco, eu não tinha feito o que eu fiz. Se eu tivesse pensado mais um pouco, nada disso teria acontecido. E eu percebo que tudo o que eu fiz eu agi na emoção (...)"

As habilidades socioemocionais precisam atentar para as questões do (i) aprender a ser; (ii) aprender a conviver; (iii) aprender a fazer; e (iv) aprender a aprender. Segundo Ferreira (2022), para que a educação socioemocional aconteça, são necessários cinco pilares: cuidado, autoconhecimento, convivência, dialogicidade e amorosidade. O autor diz que devemos prevenir o adoecimento psíquico e que não precisamos esperar que as emoções adoeçam para cuidarmos delas. Esses cinco pilares são imperativos para a construção da aprendizagem socioemocional, importando tanto individual quanto

coletivamente. É essencial aprender a lidar com as emoções e os sentimentos, identificando-os, nomeando-os e expressando-os. De modo mais específico, a competência socioemocional se refere à capacidade de mobilizar, integrar e colocar em prática os recursos, conhecimentos e habilidades socioemocionais e cognitivas aprendidos socialmente pelo indivíduo frente a determinada situação (Marin, 2017).

Entretanto, no contexto da transdisciplinaridade, quando associada ao processo de educação socioemocional, há uma colaboração para que a educação das emoções não se centre na ideia de desenvolvimento de competências e habilidades voltadas apenas a fazer com que o/a adolescente tenha um equilíbrio emocional em um âmbito mais individual, sem considerar elementos macrossociais, macropolíticos, estruturais e sistêmicos (Ferreira, 2022). Apesar de a literatura pesquisada não tratar de forma específica sobre as emoções de meninas em cumprimento de medida socioeducativa de internação, este estudo mostra que as participantes conseguem nomear, identificar e até mesmo expressar de forma bastante clara as emoções vivenciadas por elas durante essa trajetória.

Argumentamos que a educação socioemocional, embora fundamental aos/as adolescentes nos dias atuais, caso não seja devidamente refletida e praticada, incorre no equívoco de afirmar ser possível “controlar” emoções, com vistas a evitar “desarmonias” e a “reforçar” um comportamento compatível com as funcionalidades que as sociedades esperam dos/as adolescentes (Ferreira, 2022). Assim, reforça-se a ideia de adolescentes e jovens reconhecerem e nomearem suas emoções, conseguindo expressá-las para si e para o outro, podendo experienciá-las e estabelecer relações mais agradáveis e possíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste artigo foi compreender as emoções das meninas durante a trajetória de cumprimento da medida socioeducativa de internação na Funase. Observou-se que, ao longo desse processo, a emoção mais recorrente entre elas foi a raiva. De modo geral, as emoções vivenciadas e renomeadas foram predominantemente consideradas desagradáveis. Isso permite afirmar que as adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa reconhecem, rememoram e expressam suas emoções, o que evidencia a importância da inserção da educação socioemocional no contexto da socioeducação.

Por meio dessa aprendizagem, torna-se possível o desenvolvimento de cinco pilares essenciais para a construção da competência socioemocional: cuidado/autocuidado, autoconhecimento, convivência, dialogicidade e amorosidade. Tais pilares podem contribuir para que as meninas compreendam suas emoções e passem a utilizá-las como instrumento de proteção, e não mais de destruição.

Com isso, o presente estudo também contribui para preencher uma lacuna existente na literatura científica sobre a invisibilidade das meninas em medida socioeducativa de internação, destacando que elas estão nos centros, vivenciam emoções intensas, constroem vínculos e desejam ser escutadas.

A principal contribuição deste artigo, portanto, é evidenciar a articulação entre as emoções vivenciadas pelas meninas durante o cumprimento da medida de internação e os indícios de um possível sofrimento psíquico. Perceber como essas emoções se manifestam no cotidiano institucional nos aproxima da compreensão de que o tempo de cumprimento da medida pode, de fato, ocasionar danos à saúde mental dessas adolescentes.

Entre as limitações desta pesquisa, destaca-se o fato de todas as entrevistadas estarem vinculadas a uma única unidade estadual, o que não permite generalizações para adolescentes em cumprimento de medidas em outros estados do país. Outro fator limitador foi o tempo de inserção da pesquisadora no campo específico da pesquisa, ainda que, enquanto servidora da instituição, ela atue há mais de quatro anos com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa.

Para pesquisas futuras, considera-se que o estudo da socioeducação permanece aberto, dada a distância entre o que está normatizado e o que é vivenciado no cotidiano das unidades. É relevante, ainda, aprofundar a análise sobre a questão de gênero no sistema socioeducativo, de forma que cada novo estudo possa lançar luz sobre as desigualdades existentes. Sugere-se, por fim, que futuras investigações priorizem a escuta das meninas privadas de liberdade, com o objetivo de desenvolver projetos, programas e vivências lúdicas que acolham suas emoções, sentimentos, pensamentos e trajetórias de vida antes, durante e após a experiência da privação de liberdade.

Fontes

ANNITA. *Entrevista concedida à Érica Gonçalves Nunes, 2024.*

KEMILE. *Entrevista concedida à Érica Gonçalves Nunes, 2024.*

LIS. *Entrevista concedida à Érica Gonçalves Nunes, 2024.*

MORANGUINHO. *Entrevista concedida à Érica Gonçalves Nunes, 2024.*

NATALI. *Entrevista concedida à Érica Gonçalves Nunes, 2024.*

RAYLA. *Entrevista concedida à Érica Gonçalves Nunes, 2024.*

VICK. *Entrevista concedida à Érica Gonçalves Nunes, 2024.*

Referências

ARAÚJO, Domingos Barreto de. **O perfil das adolescentes que cometeram atos infracionais em Salvador no ano 2000.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. 2000.

ARRUDA, Jalusa Silva de; KRAHN, Natasha Maria Wangen. As meninas e a execução das medidas socioeducativas: revisão da literatura e perspectivas de investigação. **Revista Feminismos**, v. 10, n. 2 e 3, 2022.

ARRUDA, Jalusa Silva. **I Encontro Nacional-Mulheres na socioeducação.** S.I.: s. n.], 2024. 1vídeo(9 horas). Publicado pelo canal MDHCBRasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Hem7ow_eDZo&list=LL&index=16. Acesso em: 07 maio 2024.

BISINOTO, Cynthia et al. Socioeducação: origem, significado e implicações para o atendimento socioeducativo. **Psicologia em estudo**, v. 20, n. 4, p. 575-585, 2015.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** Fórum Brasileiro de SegurançaPública. Brasil, 2022.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 13 jul. 1990.

BRASIL. Resolução CONANDA nº233 de 30 de dezembro de 2022. **Estabelece diretrizes e parâmetros de atendimento socioeducativo às adolescentes privadas de liberdade no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE).** Disponivel em: Diário Oficial da União. Acesso em: 03 jan.2023.

CNJ. Conselho Nacional de Justiça. **Dos espaços aos direitos: a realidade da ressocialização na aplicação das medidas socioeducativas de internação das adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei nas cinco regiões.** Brasília: Conselho Nacional de Justiça. 2015. Disponivel em: <https://www.cnj.jus.br/> Acesso em: 10 jun.2024

FERREIRA, Hugo Monteiro. Sob a ótica transdisciplinar, a educação socioemocional de adolescentes. In: VIANA, Isabel C. (Org.). **Educação e cidadania global criativa. Direitos Humanos, Cultura e democracia.** Portugal: CIEC–Centro de

Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2022. P.14-23. E-book. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/> Acesso em: 15 abr. 2024.

FLICK, Uwe. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GASPAR, T. et al. The effect of a social-emotional school-based intervention upon social and personal skills in children and adolescents. **Journal of Education and Learning**. Canadá. V.07, n.06, Setembro, 2018.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GROSS. James J. Regulação Emocional: Status Atual e Perspectivas Futuras, Investigação Psicológica: **Um Jornal Internacional para o Avanço da Teoria Psicológica**, 26:1, 1-26, 2015. DOI: 10.1080/1047840X.2014.940781

MACHADO, Isadora Vier; VERONESE, Josiane Rose Petry. Meninas invisíveis: uma discussão sobre diversidade de gênero e proteção integral no sistema sócio-educativo brasileiro. **Fazendo Gênero**. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, (9), p. 1-9, 2010.

MARIETTO, Marcio Luiz; SANCHES, Cida. Estratégia como prática: um estudo das práticas da ação estratégica no cluster de lojas comerciais da rua das noivas em São Paulo. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 7, n. 3, p. 38-58, 2013.

MARIN, Angela Helena et al. Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. **Revista brasileira de terapias cognitivas**, v. 13, n. 2, 2017.

MARTINS, F.; GAUER, Ruth MC. Poder Punitivo e Feminismo: percursos da criminologia feminista no Brasil. **Revista Direito e Práxis, A head of print**, Rio de Janeiro, 2019.

MÓNICO, Lisete et al. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa**. CIAIQ 2017, v. 3, 2017.

MORAES, Maria Cândida Borges. Ludicidade e transdisciplinaridade. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 3, n. 2, 2014.

MORAES, Maria Cândida. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. Papirus Editora, 2018.

MORAES, Maria Cândida. **Epistemologia da Complexidade e a pesquisa educacional**. 2022

MORGAN, Carla; FUCHS, Andréa Márcia Santiago Lohmeyer. "Invisibilidade Perversa?": o atendimento socioeducativo privativo de liberdade feminino. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 7, n. 3, p. 108-120, 2016.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, p. 731-747, 2011.

NICÁCIO, Camila Silva; ALBUQUERQUE, Bruna Simões. Tempo sem medida, medida sem tempo. In: MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; GUERRA, Andréa Maris Campos; PEDROSA DE SOUZA, Juliana Marcondes (orgs). **Diálogos com o campo das medidas socioeducativas: conversando com a semiliberdade e a internação**. Curitiba: Editora CRV. 2014.

OLIVEIRA, Patricia Vieira de; MUSZKAT, Mauro. Revisão integrativa sobre métodos e estratégias para promoção de habilidades socioemocionais. **Revista Psicopedagogia**, v. 38, n. 115, p. 91-103, 2021.

POSSEBON, Elisa Pereira Gonsalves. Raiva, Agressão e Educação: um diálogo necessário. **Educação Unisinos**, v. 23, n. 1, p. 155-169, 2019.

RAMOS, Malena Bello. **Meninas privadas de liberdade: A construção social da vulnerabilidade penal de gênero**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

ALVES, Rubem. **Escutatória**. In: _____. As melhores crônicas de Rubens Alves. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 69-77.

SAMPIERI, R., COLLADO, C., & LUCIO, M. **Definições dos enfoques quantitativo qualitativo, suas semelhanças e diferenças**. Porto Alegre, RS: Penso. 2013.

SILVA, Vitoria Rodrigues da. **“Envolvidas”: a experiência social das adolescentes em medida socioeducativa privativa de liberdade**. 178 f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

SOUZA, Alex Pereira de. *Emoção e delinquência: interfaces entre a filosofia de Foucault e a psicanálise de Winnicott*. Dissertação de mestrado Universidade estadual paulistana (Unesp). Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, 2022.

Submetido em: 22/07/2025

Aceito em: 20/06/2025